

CABEÇAS DE SOBRA NUMA HOMENAGEM A PORCHAT

Paulo Jonas de Lima PIVA*

Um filósofo pode ser muitas coisas; isso se admitirmos que ele efetivamente exista nos nossos cotidianos, para além de toda caricatura e para aquém de toda definição inflexível e de toda idealização desumanizadora. Ele pode ser, por exemplo, um charlatão à maneira de alguns sedutores, dos demagogos, dos fanfarrões especulativos e de outros virtuosos da vaniloquência e da persuasão engabeladora. Do mesmo modo ele pode ser um pedante erudito orgulhoso dos seus obscuros jargões, dos seus conhecimentos bibliográficos, da extensão do seu currículo lattes e das suas citações em grego ou alemão. Esses dois tipos são batizados pelo cioraniano Frédéric Schiffter respectivamente como “homem do blabláblá” e “filósofo *afetado* ou cheio de *mas-mas*” (Schiffter 2003, p. 43).

(*) Universidade São Judas Tadeu (USJT). Pesquisador da FAPESP (Pós-Doutorado) Projeto Temático “O significado filosófico do ceticismo”. E-mail: prof.piva@usjt.br

Na esteira de Schiffter, Clément Rosset pondera que o "homem do *blábláblá*" é um charlatão porque visa a entorpecer o seu interlocutor com verborragias que enaltecem o irreal, a falsidade e muitas vezes o fantástico em detrimento da lucidez e do trivial (Rosset 2003, p. 6). Quanto ao "homem do *mas-mas*", continua Rosset, sua afetação desvaloriza a vida em sua precariedade e prosaísmo em nome de uma essência transcendente e pretensamente superiora, depreciando assim o real no que ele tem de mais fenomênico, concreto, previsível e contundente (*Idem, Ibidem*). Entretanto, talvez até como variações e exemplos das definições de Schiffter e Rosset, um filósofo também pode ser um cenobita envolto com o Ser, com a Verdade, e com outras entidades absolutas; um libertino do espírito fragmentado pelo relativismo e perdido no caos das infinitas perspectivas; um cético resignado à diafonia, dissolvido nas aparências e em constante suspensão do juízo; ele pode ainda ser um lógico demolidor das articulações e das artimanhas da linguagem, um comentador de estruturas internas de textos acadêmicos clássicos, um missionário da práxis política revolucionária, um pessimista em busca de consolos ou de aniquilamento dos que restam, e até mesmo, paradoxalmente, um antifilósofo motejador e iconoclasta. No caso específico do Brasil, diante dessa fascinante e ao mesmo tempo angustiante miríade de posicionamentos, ao filósofo brasileiro ainda é dada a possibilidade de ser, de acordo com Paulo Roberto Margutti Pinto, um "filósofo cordial" (Margutti 2003, p. 338).

A controvérsia em torno não exatamente do tabu da existência ou não de uma *filosofia brasileira* ou – lembrando Roberto Gomes – de uma "razão tupiniquim" (Gomes 1982), mas de uma questão muito menos ambiciosa, a saber, a ocorrência histórica de um *pensamento filosófico brasileiro*, não é nova e, ao que parece, muito ainda tem para ser aprofundada. Não obstante, as opiniões negativas e os preconceitos a respeito da capacidade do brasileiro fazer filosofia por enquanto preponderaram. Muitos entre nós, em virtude dessa "escassa auto-estima filosófica", como bem salienta

Gonçalo Armijos Palácios (Palácios 2002, p. 13), preferem ser chamados de professores de filosofia a filósofos, ou “filo-filósofos”, como também problematiza Plínio Smith (Smith 2005, p. 9), como se o filósofo fosse uma criatura demiúrgica, quase lendária, restrita a pretensas supercivilizações como a grega e a alemã ou a mega-inteligências. Tobias Barreto que o diga. Sua sentença de que “o Brasil não tem cabeça filosófica” (*Apud* Margutti 2003, p. 337) é bastante emblemática e foi por muito tempo determinante entre nós. Contudo, a essa altura da expansão e da seriedade das pesquisas filosóficas no país, a sentença de Tobias Barreto já não tem o mesmo vigor de outrora, especialmente após a recente publicação pelo conceituado Centro de Lógica e Epistemologia da Unicamp, de *O filósofo e sua história: uma homenagem a Oswaldo Porchat*, uma densa e extensa compilação de ensaios organizada por Michael B. Wrigley e Plínio Junqueira Smith à volta da obra, da trajetória acadêmica, das reflexões pessoais e do caráter de um de nossos maiores filósofos, Oswaldo Porchat Pereira. Trata-se, ao que parece, de um pretexto bastante oportuno para retomarmos o incômodo, porém necessário debate sobre a filosofia no Brasil.

As mais de quinhentas páginas de *O filósofo e sua história* são divididas em três partes, cada qual concernente a um aspecto das três décadas do trabalho reflexivo de Porchat. Na primeira delas, “A obra de Porchat: uma discussão crítica”, Luiz Antonio Alves Eva, Roberto Bolzani Filho estes, ex-orientandos de Porchat e Roberto Horácio de Sá Pereira analisam com o mesmo rigor e com a mesma consideração com que destinariam às obras de Montaigne, Cícero e de Parfit as inquietudes e os principais problemas enfrentados pelo filósofo na elaboração da sua reflexão pessoal. E aqui estamos nos referindo a um curioso itinerário que tem início no abandono da fé religiosa, passa por uma rígida formação historiográfica-estruturalista impressa pela orientação de Victor Goldschmidt em sua estadia na França, atravessa uma etapa de decepção com o dogmatismo e com os pretensos poderes oraculares da lógica, resvala numa situação de resistência aos tentadores argumentos

do ceticismo antigo, o que resultou durante um breve período numa radical renúncia ao filosofar seguida de uma promoção e adesão filosófica a uma não-filosófica “visão comum de mundo”, até sucumbir finalmente ao pirronismo, doutrina com base na qual ele formulou, ao modo de um cronista e em tom absolutamente confessional como deve se esperar de um cético dessa linhagem, o seu neopirronismo, o qual, quatorze anos após o seu anúncio no artigo “Sobre o que aparece”, em 1992 – e reiterado em “Ainda é preciso ser cético”, de 2001, ambos na revista *Discurso* –, perdura num interminável processo de autocrítica e aperfeiçoamento.

Mas o mais significativo dessa primeira parte do livro é decerto o texto de abertura, de autoria do próprio Porchat. Trata-se do discurso proferido por ele na ocasião em que recebeu o título de professor emérito da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Nele, mediante uma linguagem bastante clara e bem-humorada, o neopirrônico traz a tona curiosidades de sua infância, de sua vida universitária e de seu exercício docente. Revela, por exemplo, que aprendeu a ler aos quatro anos de idade, que aos seis já era leitor do “Estadão”, que alfabetizou a empregada aos onze, e que aos doze já era catequizador. A propósito, Porchat adorava falar para platéias, o que o levou ainda criança a pensar em ser um dia presidente da república (Porchat 2003, p.p. 13 a 17). Todavia, o ponto alto desse memorial é quando ele revela o nome da lambreta com a qual rasgava a cem quilômetros por hora, acompanhado na garupa pela sua então namorada leda, as ruas e avenidas de Paris. O nome da máquina era José, em homenagem ao amigo e quase sempre antípoda José Arthur Giannotti. “Montados em cima de José Arthur (em francês)”, brinca Porchat, “leda e eu fizemos grandes passeios por Paris e arredores” (*Idem*, p. 25). Giannotti, por seu turno, não deixa por menos. No seu curto discurso de saudação ao amigo cético — o qual, aliás, também compõe a primeira parte de *O filósofo e sua história* — ele devolve a pilhéria: “Em Paris, Porchat só conseguia orientar-se de lambreta” (Giannotti 2003, p. 39).

E é com essa mesma ausência de afetação e simplicidade que esse homem comum prossegue a sua narrativa dizendo que não há autoridades em filosofia (Porchat 2003, p. 30), que os filósofos mais importantes são aqueles que se insurgiram contra a tradição filosófica (*Idem, Ibidem*), que os professores são tão instrumentos quanto os livros (*Idem, p. 32*), e que os “profetas da morte da filosofia” contradizem-se na medida em que necessitam filosofar para justificarem suas proposições antifilosóficas (*Idem, p. 34*), uma alfinetada aqui, ao que tudo indica, no seu ex-aluno, o marxista Paulo Arantes, advogado irônico dessa tese fúnebre. O homenageado ainda critica os modismos filosóficos (*Idem, p. 32*), assevera que “não se demonstra nada em filosofia” (*Idem, p. 34*) e conclui elegendo Aristóteles e o tenista Guga os seus maiores ídolos (*Idem, Ibidem*).

Na parte 2 de *O filósofo e sua história*, Alberto Alonso Muñoz, Balthazar Barbosa Filho, Bento Prado Jr., Lucas Angioni e Marco Zingano abordam o Porchat de Aristóteles e do estruturalismo, ou seja, o autor da célebre tese de doutoramento intitulada *A noção aristotélica de ciência*, editada há alguns anos pela Unesp como *Ciência e dialética em Aristóteles*. Todos são unânimes em considerá-la um “clássico”, uma “obra-prima de filosofia e de historiografia” (Prado 2003, p. 199). Segundo o amigo Bento Prado Jr., com esse empreendimento Porchat desmontou “uma das tradições mais sólidas da interpretação de Aristóteles” (*Idem, p. 205, nota 4*), representada sobretudo pela leitura de Pierre Aubenque expressa em *O problema do Ser em Aristóteles*.

Por fim, a terceira parte, a qual propõe como eixo de discussão a presença do ceticismo na filosofia moderna, tema este muito caro a Porchat, em especial a problemática do mundo exterior, esta diretamente derivada da dúvida hiperbólica cartesiana. Participaram desse debate Carlos Alberto Ribeiro de Moura, João Paulo Monteiro, José Raimundo de Maia Neto, Lívia Guimarães, Paulo Margutti, Plínio Junqueira Smith, Raul Landim, Guido de Almeida e Zeljko Loparic, os quais evocaram uma plêiade

de pensadores modernos, dentre eles Descartes, Kant e até Darwin. Contudo, o artigo que mais merece destaque dessa terceira parte é sem dúvida o de Paulo Margutti, "Aspectos da visão filosófica de mundo no Brasil do Período Barroco (1601-1768)", pois nos reporta ao assunto principal do início do livro, isto é, à reflexão sobre o pensamento pessoal de Porchat, porém, contextualizado desta vez no interior do desdobramento histórico de uma determinada corrente cultural brasileira e relacionado com a noção de "filósofo cordial", já aludida aqui anteriormente.

Para chegar à curiosa definição de "filósofo cordial" e com isso refutar definitivamente a famigerada sentença de Tobias Barreto de que nós brasileiros seríamos todos filosoficamente acéfalos, Margutti parte do clássico *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Hollanda, mais exatamente do "tipo weberiano do homem cordial", expediente utilizado pelo historiador nordestino para descrever o homem ibérico, uma de nossas matrizes antropológicas. Explica Margutti: "Vivendo principalmente com base no *coração* – daí o nome *cordial* — este último exalta a personalidade individual e a realização plena de cada um. Na luta para atingir seus objetivos, o homem cordial se revela vaidoso, sem espírito sistemático, voltado para a ação, amante da retórica e socialmente indisciplinado" (Margutti 3, p. 337).

Imaginemos agora um homem com tais características dotado de um certo pendor e de uma certa dedicação ao exercício filosófico. Eis, de acordo com Margutti, o "filósofo cordial", um pensador assistemático, mais preocupado com as ações do que com as palavras, tributário declarado das idéias estrangeiras, destituído de sofisticação, fundamentalmente intuitivo, além de pouco fecundo do ponto de vista acadêmico, uma vez que privilegia a literatura como meio de expressão (*Idem*, p. 339). Ademais, ele seria prejudicado por um injustificável complexo de inferioridade cultural em relação aos seus mestres do exterior (*Idem*, p. 340). Pelo fato de personalizar determinados assuntos ou idéias e de a todo custo evitar desafetos, esse filósofo mostra-se arredio ao

debate com os seus compatriotas, preferindo os comentários de bastidores, o elogio contido à maledicência invejosa e ressentida, acrescentaríamos. Tal quadro, conclui Margutti, é o que prevalece nos nossos meios filosóficos acadêmicos. Portanto, é valendo-se de um modelo do homem brasileiro elaborado por um intelectual brasileiríssimo que Margutti empreende com ousadia uma História das idéias no Brasil, tendo em vista reconstruir o desenvolvimento do nosso pensamento filosófico partindo do conflituoso e rebuscado período barroco – supostamente o seu início – à atividade filosófica dos dias de hoje, isto é, dos escritos de Gregório de Matos, Padre Vieira, Nunes Marques Pereira e Matias Aires aos ensaios inquietos e obsessivos do ceticismo porchatiano, itinerário este, argumenta Margutti, marcado por uma “postura cético-pessimista” (*Idem*, p. 393), mais precisamente pela predominância de uma “visão de mundo cético-estóico-soteriológica” (*Idem, Ibidem*). Dessas raízes, portanto, seria descendente o neopirronismo (*Idem*, p. 392). Com isso, além de dar uma incomensurável contribuição para a compreensão do desenvolvimento do pensamento filosófico no Brasil, Margutti demonstra que o pensador brasileiro tem uma maneira muito própria de lidar com a filosofia, ou seja, que a nossa cabeça filosófica é dotada de peculiaridades (*Idem*, p. 393), como são do mesmo modo, acrescentaríamos, as cabeças filosóficas dos gregos, dos franceses, dos alemães e até – por que não? – dos africanos e asiáticos.

Seria então Porchat um representante típico desse “filósofo cordial” do qual nos fala Margutti? À primeira vista, diríamos que não. Embora ele possa ter alguns de seus traços, Porchat não personaliza discussões tampouco deixa de responder a eventuais críticas, provocações e distorções das suas idéias com o intuito de poupar-se de dissabores. O livro *A filosofia e a visão comum de mundo*, no qual debate com Bento Prado Jr. e Tércio Sampaio Ferraz, o artigo “Resposta a H. Bensusan e Paulo A. G. de Souza”, publicado no número 23 da revista *Discurso*, e a encarniçada polêmica com o sempre inacreditável Olavo de Carvalho no jornal

“Folha de São Paulo” à propósito de uma entrevista do nosso filósofo à revista *Livro aberto* em 1997, são provas incontestáveis disso. Quando é para agradecer, salientar contribuições, admitir equívocos ou para citar textos dos seus compatriotas, Porchat o faz abertamente, deixando transparecer, inclusive, muito prazer nisso. Ademais, ao contrário do filósofo cordial, cuja baixa auto-estima intelectual, segundo Margutti, o faz contentar-se em ser um mero comentador de doutrinas estrangeiras consagradas (*Idem*, p. 392), Porchat demonstra com a sua obra que é possível no Brasil ir muito além daquilo que Gonçalves Palácios repele como “comentariologia” (Palácios 2002, p. 15), prática há muito estabelecida nos nossos departamentos e que limita os nossos pesquisadores à condição de historiadores da filosofia.

Em suma, distante anos-luz do *blábláblá* acadêmico dos dogmáticos-e dogmáticos às avessas, mais ainda do *mas-mas* de alguns arautos zombeteiros da inutilidade e da morte da filosofia, do discurso de alguns céticos e, a nosso ver, também do “filósofo cordial”, Porchat e muitos dos seus homenageantes em *O filósofo e sua história* reiteram com seus textos um truísmo – o que não implica nenhum demérito, uma vez que o próprio neopirrônico sentencia que “dizer o óbvio é sempre bom, quando fazemos filosofia” (Porchat 2001, p. 16) – para o qual muitos insistem em tampar os ouvidos e vazar os olhos: a experiência de que, neste país, há cabeças de sobra, e, em última instância, se um dia fomos retardados, sobretudo na época de Tobias Barreto, hoje, com as devidas exceções, não somos mais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- GIANNOTTI, J.A. “Discurso de saudação”. In: WRIGLEY, M.B. e SMITH, P.J. (org.) **O filósofo e sua história: uma homenagem a Oswaldo Porchat**. Campinas-SP, Unica mp-CLE, 2003.
- GOMES, R. **Crítica da razão tupiniquim**. São Paulo, Cortez,

1982.

MARGUTTI Pinto, P.R. "Aspectos da visão filosófica de mundo no Brasil do Período Barroco (1601-1768)". In: WRIGLEY, M.B. e SMITH, P.J. (Org.) **O filósofo e sua história: uma homenagem a Oswaldo Porchat**. Campinas-SP, Unicamp-CLE, 2003.

PALÁCIOS, G.A. **De como fazer filosofia sem ser grego, estar morto ou ser gênio**. Goiânia, Editora da UFG, 2002.

PORCHAT PEREIRA, O. "Ainda é preciso ser cético". In: **Discurso**. São Paulo, Discurso Editorial, nº 32, 2001.

_____. "Discurso de Professor Emérito da USP". In: Wrigley, M.B. e Smith, P.J. (org.) **O filósofo e sua história: uma homenagem a Oswaldo Porchat**. Campinas-SP, Unicamp-CLE, 2003.

PRADO JR., B. "Aristóteles: dialética, ciência e metafísica". In: WRIGLEY, M.B. e SMITH, P.J. (org.) **O filósofo e sua história: uma homenagem a Oswaldo Porchat**. Campinas-SP, Unicamp-CLE, 2003.

_____. **Do começo da filosofia e outros ensaios**. São Paulo, Discurso Editorial, 2005.

ROSSET, C. "Prefácio". In: SCHIFFTER, F. **Sobre o blablá e o mas-mas dos filósofos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro, José Olympio, 2003.

SCHIFFTER, F. **Sobre o blablá e o mas-mas dos filósofos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro, José Olympio, 2003.

WRIGLEY, M.B. e SMITH, P.J. (org.) **O filósofo e sua história: uma homenagem a Oswaldo Porchat**. Campinas-SP, Unicamp-CLE, 2003.